

Violência Doméstica e Sexista

Do dogma do sexo frágil à covardia da violência doméstica

** Juliana Gomes*

Uma sociedade marcada por mudanças bruscas, sistemáticas, no que se referem às leis da moral e dos bons costumes, nos faz tatear em alguns momentos ao falar de uma dor social escondida por uma boa parte dos nossos amigos (as) cidadãos (as) na sua maioria do sexo feminino, que buscaram ao longo do tempo desenvolver uma história de autonomia através da resistência a violência psicológica e física.

Desde a mais tenra idade, conhecemos e fomos educados como seres humanos que devemos obedecer aos mais velhos, depois os mais fortes e por último os mais novos e mais fracos e nesta classificação devemos considerar em primeiro lugar a classe do sexo masculino. Complicado não?! Claro!

Mas a realidade é de difícil compreensão, pois, quando buscamos os nossos direitos acreditamos na verdade que nos é inerente, não percebendo, o exercício da violência de ordem sexual, moral e física.

Na verdade a violência advém da necessidade constata do exercício, conspiração e detenção do poder, isto, pode ser visto muito claramente na maioria das pessoas do sexo masculino, pois, foram formados para ser “o homem da casa”, aquele que trabalha para sustentar as necessidades básicas e por isso tem direito a obter os melhores tratamentos, principalmente pela sua digníssima esposa que deverá esta sempre disponível.

Pautados na concepção acima, muitos homens, buscaram manter um padrão hierárquico no seu lar, no seu trabalho, ou seja, nos ambientes em que conviviam, acreditando que com isso poderiam se sobrepujar ao sexo feminino. Na verdade, muitos fatos só querem uma desculpa, uma vez que, as mulheres insatisfeitas com tal honraria buscaram a igualdade de gênero.

Impotentes diante do crescimento social feminino os homens em sua maioria, buscaram através da força física demonstrar a sua insatisfação, ascendendo dentro dos lares à violência doméstica, levando muitas das nossas mulheres a óbito.

Sabe-se que esta reação é uma expressão da perda de um poder imaginário, credibilizados pelos homens de geração em geração, alimentados a cada dia e também por muitas mulheres que se opuseram a gritar e lutar pela sua independência e liberdade, de escolha, financeira, enfim social.

O vilão maior da mulher e alimentador da violência sexista e doméstica: é o machismo! Diariamente mulheres são tratadas por seus companheiros, namorados, maridos, pais, filhos, chefes e aderentes, como objeto sem sentidos (mudo, surdo, cego e sem sentimentos), incapazes de tomar as suas próprias decisões.

Essa característica advinda do sexo masculino (o machismo) se perpetua de geração em geração, fazendo com que as mulheres mais imponderadas, se tornem mais guerreiras a cada minuto de sua vida, buscando o reconhecimento que merecem.

Lavar, passar, cozinhar e tomar conta dos filhos nunca se tornou tão cansativo para quem na década atual optou por estudar e trabalhar fora, mas mesmo assim

todas as atividades são realizadas com sucesso ao longo do dia, muitas vezes sem elogios e reconhecimento masculino, até por que na sua atrofiada mente machista, ainda há o mito: “a mulher não esta fazendo mais que sua obrigação”.

Punir fisicamente, psicologicamente ou moralmente o ser humano simplesmente por que a sua capacidade de agir e de pensar, muitas vezes é mais eloqüentemente que a do outro, não passa apenas de uma demonstração de covardia e desrespeito pode-se dizer que: a formação humana desta criatura não o levou a ser um cidadão e sim a um brusco animal irracional.

Infelizmente os nossos aparatos legais demoraram a fazer justiça por muitas vidas que já se encontram mutiladas em baixo de sete palmos, hoje apesar das mulheres terem conquistado seu espaço, e serem em sua maioria protagonista da sua história, foi preciso uma Maria sofrer até chegar à beira da morte para se criar a justiça necessária que permitisse a punição dos abusadores da dogmática fragilidade feminina.

Hoje a vulnerabilidade feminina não advém mais dá forjada dependência da presença masculina e sim por muitas vezes por falta da oportunidade social. É verdade que representantes femininas, mudaram de papel revelando um acentuado desnível nas relações homem x mulher, acarretando uma provocação a violência sexista e doméstica, digamos que ficaram mais “afoitas”.

Entretanto, pode assim dizer, que isto retrata uma sociedade que não se prepara para prevenção e formação humana e sim para ação quando ato já é recorrente, levando as pessoas a uma má interpretação dos conceitos e dos fatos. Por fim, precisamos enquanto cidadãos ser conscientizados dos nossos papéis e formados para agir como humanos interferindo numa sociedade mais justa e igualitária que respeite as pessoas, de maneira a valorizar as suas diferenças sexuais e atitudinais. Avaliando assim, onde estamos e onde queremos chegar, a fim de equilibrar o desequilíbrio humano.

*Juliana Gomes, pedagoga, especialista em Recursos Humanos para Educação, Técnica educacional e professora do estado de PE.